



ÁGUA DA PRATA

AQUEDUTO DE ÉVORA, PERCURSO AMBIENTAL

O Aqueduto da Água da Prata é a mais importante estrutura hidráulica construída, em Portugal, durante o séc. XVI.

As inúmeras obras de conservação produzidas ao longo do tempo não foram suficientes para garantir um adequado e regular abastecimento público de água à cidade, situação só resolvida com a grande reforma iniciada em 1873, que deu ao Aqueduto o seu actual aspecto, entre S. Bento de Cástris e Metrogos. O Aqueduto cumpre ainda hoje a sua função, contribuindo para o caudal de água que abastece a cidade.

Além da arcaria monumental, classificada como Monumento Nacional (1910), o Aqueduto é uma imensa obra com cerca de 19 km de extensão, desde as nascentes do Divor até ao interior da cidade. Dessa distância total o percurso ambiental agora criado recupera o essencial da obra do séc. XVI e do séc. XIX, numa distância de 8,3 km entre o Convento da Cartuxa e o caminho dos Arcos do Divor.

Combinando os aspectos patrimoniais, históricos e técnicos com a paisagem envolvente, invulgarmente bela e diversificada, este projecto apresenta uma dupla atractividade, quer como pólo de fruição pública, quer como recurso turístico da cidade.

FONTE DO ARCEDIAGO

André de Resende, frade dominicano natural de Évora, foi um distinto humanista de reputação internacional. Como homem de cultura clássica, defendeu junto do rei D. João III a "refundação" do Aqueduto como um sinal de urbanidade, digno do passado romano da cidade.

A sua memória ficou perpetuada na fonte que mandou erigir (c. 1536) junto do Aqueduto e da sua casa de campo, conhecida vulgarmente por quinta do Arcediago.

Esta fonte, construída para repouso e deleite poético, conserva vestígios de duas inscrições latinas, ambas da autoria de André de Resende.



ARCARIA DO SÉC. XVI

O Aqueduto da Água da Prata, edificado entre 1533-37, é o maior projecto hidráulico do reinado de D. João III e um dos símbolos do apogeu de Évora como segunda cidade de corte do país.

Após duas tentativas inconsequentes, ocorridas nos reinados de D. João II e D. Manuel I, a sua conclusão permitiu minimizar o grave e recorrente problema de falta de água na cidade, sobretudo durante os meses de Verão.

A empreitada foi entregue ao arquitecto Francisco de Arruda, que a dirigiu com rapidez e eficiência, vencendo uma distância de cerca 19Km, entre as nascentes da Graça do Divor e o desaparecido chafariz da Praça Grande (actual Praça de Giraldo).

A imponente arcaria de arcos redondos atinge, à passagem da estrada de Arraiolos, o seu máximo esplendor, sublinhado pela torrinha do pilar central, onde a cúpula, de recorte ainda manuelino, contrasta com as formas clássicas das pilastras e dos nichos concheados que abrigam as imagens modernas de S. Bruno e S. Bento, patronos dos dois mosteiros vizinhos.

CAIXAS DE VISITA

Ao longo do aqueduto e instaladas a espaços regulares, encontram-se caixas de visita e decantação da água. Estas caixas têm um pequeno poço de decantação, feito em alvenaria e por vezes com ladrilhos cerâmicos, mais fundo do que o cano, onde se depositam detritos sólidos arrastados pelo fluxo da água. Quando o aqueduto se encontra à superfície, as caixas são constituídas por uma porta lateral, que permite o acesso à galeria e a limpeza dos detritos acumulados.

As caixas de visita e decantação do séc. XVI foram construídas em forma cúbica, com abóbada de tijoleira que teria sido superiormente rematada por um pináculo.

Na reconstrução do séc. XIX foram feitas caixas cilíndricas com pequenas torres tronco cónicas, com janelas para ventilação. A montante destas existe uma derivação de água (by pass) para uma conduta exterior, destinada a manter a caixa a seco durante as limpezas ou reparações.



AQUEDUTO DO SÉC. XIX

Apesar de várias obras de beneficiação, o velho aqueduto quinhentista chegou muito arruinado às últimas décadas do século XIX e incapaz de satisfazer as necessidades de consumo de água da cidade. A partir de 1873 a estrutura foi finalmente reconstruída segundo um novo modelo de conduta, que permitiu o transporte de água à cidade em maior quantidade e qualidade. Após as reparações e reconstruções efectuadas, o aqueduto transportava, segundo medições de 1879, um volume diário de 847m³.

Nesta reconstrução fizeram-se encurtamentos relativamente ao traçado original do aqueduto, quer através da abertura de trincheiras, quer através da construção de arcadas, evitando-se assim algumas extensões para contornar colinas e vales.

O aqueduto reconstruído no séc. XIX é visível ao longo de todo o traçado à superfície, entre S. Bento e Metrogos. Frequentemente é acompanhado por ruínas dos troços de aqueduto quinhentista.

CANO ALTO

Neste troço do Ribeiro de Pombal o aqueduto atravessa o principal acidente orográfico do seu percurso. No séc. XIX construiu-se esta arcada, denominada Cano Alto, abreviando-se a distância de ter que contornar o vale.

Neste troço do ribeiro encontram-se preservados resquícios de bosques tipicamente mediterrânicos que, pela menor apetência das encostas mais declivosas para usos agro-pastoris, resistiram à ocupação humana do território. Esta paisagem contrasta com aquela avistada a nascente, dominada pela pequena propriedade agrícola.

Nota-se, neste bosque, a existência dos extractos herbáceo, arbustivo e arbóreo, com lhanas, cuja composição florística difere consoante a proximidade à linha de água. Distinguem-se, próximas do ribeiro, as espécies com maior necessidade hídrica (freixo, loureiro, salgueiro, hera, silva...), das espécies mais adaptadas à secura e por isso afastadas da linha de água (azinheira, oliveira, salsaparrilha, medronheiro...).



NGUANDO PRATO

AQUEDUTO DE ÉVORA - PERCURSO AMBIENTAL

NORMAS DE UTILIZAÇÃO

- O percurso ambiental Água da Prata – Aqueduto de Évora destina-se a percursos a pé;
- Não é autorizado o parqueamento e a circulação de cavaleiros e veículos motorizados;
- Não é autorizado o trânsito ou permanência de gado no percurso, excepto para atravessamentos;
- Respeite os outros utilizadores;
- Preserve os equipamentos e a sinalética;
- Mantenha o percurso limpo – leve o seu lixo até às papelarias nas entradas do percurso;
- Não é permitida a presença de canídeos sem trela e açaímo

Consulte o Regulamento dos Percursos Ambientais em www.evora.net/percursos

RECOMENDAÇÕES

Utilize roupa e calçado desportivo, chapéu, e leve água e comida tendo em conta o tempo de passeio.

TELEFONES ÚTEIS

Bombeiros de Évora 266702122
Guarda Nacional Republicana 266748400
Polícia de Segurança Pública 266760450
Número Nacional de Socorro SOS 112
Protecção à Floresta 117

ENTIDADE RESPONSÁVEL

Câmara Municipal de Évora 266777000

NGUNDO PRONTO

PERCURSO AMBIENTAL

AQUEDUTO

AQUEDUTO SUBTERRÂNEO

ESTACIONAMENTO PARA VISITANTES

MONTADO (SOBRO E AZINHO)

CORREDOR RIPÍCOLA

PASTAGEM

1 ARCARIA DO SÉC. XVI

2 AQUEDUTO E GEOLOGIA

3 INSCRIÇÕES QUINHENTISTAS

4 PERFIL TOPOGRÁFICO

5 AQUEDUTO DO SÉC. XIX

6 FONTE DO ARCEDIAGO

7 TRAÇADO DO AQUEDUTO

8 DONATÁRIOS DA ÁGUA DA PRATA

9 CANO ALTO

10 PERFIL DOS CANOS

11 VALCOVO

12 CAIXAS DE VISITA

13 REDE DE NASCENTES

14 CAMINHO DOS ARCOS DO DIVOR

